

## Tradução

### Manufaturas e comércio<sup>1</sup>

Karl Marx

Londres, 5 de setembro de 1859

Tendo considerado em um registro anterior o movimento da população do Império, debruçamo-nos agora sobre o movimento da produção. Nas tabelas a seguir as exportações são relacionadas ao longo de todos os anos desde 1844, enquanto os números relacionados às importações começam com o ano de 1854, uma anomalia, dadas as circunstâncias, decorrente de o valor real das importações não ter sido oficialmente apurado antes de 1854:

#### A - Exportações

*Total do valor real declarado dos produtos britânicos e irlandeses exportados do Reino Unido<sup>2</sup>*

Ano	£	Ano	£
1844	58.534.705	1851	74.448.722
1845	60.111.082	1852	78.076.854
1846	57.786.876	1853	98.933.781
1847	58.842.377	1854	97.184.726
1848	52.849.445	1855	95.688.085
1849	63.596.025	1856	115.826.948
1850	71.367.885	1857	122.066.107
		1858	116.608.911

#### B - Importações

*Total do valor real computado de mercadorias importadas para o Reino Unido*

Ano	£	Ano	£
1854	152.389.053	1857	187.844.441

<sup>1</sup> Título original: “Manufactures and commerce”. In: *Collected works*, v. 16, Lawrence & Wishart, 1980, pp. 492-6. Tradução de Gabriel Andrade Perdigão. Revisão técnica de Vitor Bartoletti Sartori e Elcemir Paço Cunha.

<sup>2</sup> Comércio do Império Britânico. O resultado da recente legislação comercial. II. Valores declarados da Bretanha e Irlanda sobre produção exportada do Reino Unido a vários países estrangeiros e colônias britânicas. *The Economist*, n. 803 (suplemento), 15 jan. 1859; Relatório alfandegário. O comércio de 1857 e 1858. *The Economist*, n. 833, 13 ago. 1859.

<b>1855</b>	143.542.850	<b>1858</b>	163.795.803
<b>1856</b>	172.544.154		

A partir da primeira tabela poderemos constatar que as exportações, e conseqüentemente a produção, mais que duplicaram no período de 1844 a 1857, enquanto a população, como se pode comprovar a partir dos dados citados em minha missiva anterior, não cresceu mais do que 18%. Uma resposta curiosa à doutrina de Parson Malthus, o sicofanta. A tabela “A” ainda ilustra uma lei de produção que pode ser comprovada com minúcia matemática, quando se comparam os retornos das exportações britânicas desde 1797. A lei é a seguinte: se, devido à superprodução ou à superespeculação, houver eclodido uma crise econômica, e ainda assim as forças produtivas da nação e a capacidade [*faculty*] de absorção do mercado mundial tiverem nesse tempo se expandido de forma que apenas temporariamente retrocedam ao ponto mais alto anteriormente alcançado, após algumas oscilações, espalhadas em alguns anos, a escala de produção que marcou o ponto mais alto de prosperidade em um período do ciclo comercial torna-se o ponto de partida para o período subsequente. Assim, o ano de 1845 marca o pico de produtividade desenvolvido durante o ciclo comercial de 1837 a 1847. Em 1846 a reação se inicia; há uma catástrofe em 1847, cujas conseqüências somente se manifestam mais seriamente em 1848, quando a magnitude das exportações retrocede abaixo dos níveis registrados em 1844. Em 1849, no entanto, ocorre não apenas uma recuperação, mas a retomada das cifras apuradas em 1845, o ano de maior prosperidade durante o último ciclo; elas são ultrapassadas em três milhões, e o presente ano marca o nível do qual as exportações nunca mais retrocederão durante o novo ciclo. O ponto mais alto é novamente alcançado em 1857, o ano da crise, cuja agonia está registrada pelos reduzidos números da exportação de 1858. Mas, então, em 1859, o ápice do período de 1847-1857 converte-se em ponto de partida para o novo ciclo comercial, um ponto do qual as forças produtivas provavelmente não mais retrocederão.

Ao comparar as tabelas A e B, constataremos que as exportações britânicas caem consideravelmente abaixo dos níveis de importação, e que esta desproporção cresce regularmente com a grandeza das exportações. Tal fenômeno tem sido interpretado por alguns autores ingleses como se os infelizes britânicos estivessem entrando em débito com outras nações, ou se estivessem vendendo barato e comprando caro, presenteando o restante do mundo com parte de sua indústria. Fato é que a Grã-Bretanha recebe, na forma de importações [*imports*] de outros países, retornos sem quaisquer equivalentes, como é o caso dos tributos indianos coletados sob diferentes formas, e outros retornos como juros de capital sobre empréstimos realizados em períodos anteriores. A crescente desproporção entre

importação e exportação britânica, portanto, somente prova que a Inglaterra, no que diz respeito aos mercados do mundo, desenvolve sua função como emprestadora de dinheiro [*money-lender*] ainda mais rapidamente do que sua função como produtora e comerciante [*merchant*].

Dos artigos de importação, existem quatro que demandam maior atenção, quais sejam: metais preciosos em barra<sup>3</sup>, milho, algodão e lã. Em ocasiões anteriores, os movimentos de importação e exportação de metais preciosos britânicos foram explicados no jornal *NY Tribune* que, na época da última crise comercial, comprovou a partir dos números oficiais que a quantidade de títulos do Banco da Inglaterra em circulação [*notes on circulation*] havia diminuído, e não aumentado, desde que os campos de ouro entraram em cena [*came into play*]. Não devemos então nos delongar neste tópico, mas nos limitar a declarar um fato que, até onde sabemos, ainda não foi percebido pelos autores ingleses. A quantidade de moeda metálica circulando em uma nação pode ser inferida por meio das operações da Casa da Moeda [*National Mint*]. De modo que, para precisar a movimentação de moeda metálica na Grã-Bretanha durante as escavações na Califórnia e na Austrália, trazemos a seguinte tabela indicando a quantidade de metal gravado na Casa da Moeda Real [*Royal Mint*]:

Quantidades de moedas de ouro, prata e cobre cunhadas na Casa da Moeda Real

<b>Ano</b>	<b>Ouro</b>	<b>Prata</b>	<b>Cobre</b>	<b>Total</b>
<b>1844</b>	3.563.949	626.670	7.246	<b>4.197.865</b>
<b>1845</b>	4.244.608	647.658	6.944	<b>4.899.210</b>
<b>1846</b>	4.334.911	559.548	6.496	<b>4.900.955</b>
<b>1847</b>	5.158.440	125.730	8.960	<b>5.293.130</b>
<b>1848</b>	2.451.999	35.442	2.688	<b>2.490.129</b>
<b>1849</b>	2.177.955	119.592	1.792	<b>2.299.339</b>
<b>1850</b>	1.491.836	129.096	448	<b>1.621.380</b>
<b>1851</b>	4.400.411	87.868	3.584	<b>4.491.863</b>
<b>1852</b>	8.742.270	189.596	4.312	<b>8.936.178</b>
<b>1853</b>	11.952.591	701.544	10.190	<b>12.664.325</b>
<b>1854</b>	4.152.183	140.480	61.538	<b>4.354.201</b>
<b>1855</b>	9.008.663	195.510	41.091	<b>9.245.264</b>
<b>1856</b>	6.002.114	462.528	11.418	<b>6.476.060</b>
<b>1857</b>	4.859.860	373.230	6.720	<b>5.239.810</b>
<b>1858</b>	1.231.023	445.896	13.440	<b>1.690.359</b>

Devemos comparar os totais, uma vez que as moedas de prata e cobre devem ser encaradas como meras fichas substitutas das moedas de ouro [*tokens replacing the gold coins*], de tal forma que, para considerar o

3 O autor usa o termo “bullion”, sem paralelo em português, mas traduzível como barras de metais preciosos como ouro e prata. [NT]

movimento geral de moeda metálica, torna-se indiferente se a moeda de ouro circulou em si, de fato, ou se suas partes fracionárias foram representadas pelas outras moedas metálicas [*metallic marks*].

Os 15 anos cobertos pela tabela acima podem ser divididos em dois períodos quase iguais; o primeiro precede a entrada efetiva na Grã-Bretanha [*the operation on Great-Britain*] da produção dos novos países produtores de ouro, enquanto o outro se caracteriza pelo rápido influxo de ouro vindo das novas fontes. O primeiro período se estende de 1844 a 1850, já o segundo data de 1851 a 1858: sendo o ano de 1851 memorável pelo início das escavações em New South Wales e Victoria, bem como pelo imenso desenvolvimento do suprimento de ouro da Califórnia, que saltou de £ 11.700 em 1848 para £ 1.600.000 em 1849, para £ 5.000.000 em 1850 e inchou para £ 8.250.300 em 1851. Somando os totais dos metais cunhados no período de 1844 a 1850, de um lado, e aqueles cunhados no período de 1851 a 1858, de outro, e calculando as médias de cada período, concluiremos que a média encontrada nos primeiros sete anos chegava a £ 3.643.144, enquanto nos últimos oito anos a soma alcançou os £ 7.137.782<sup>4</sup>. A moeda metálica na Grã-Bretanha, conseqüentemente, aumentou em quase 100%, durante o período inicial da entrada em operação [*the operation*] dos novos suprimentos de ouro. Isto certamente comprovaria a influência que a Califórnia e a Austrália exerceram no desenvolvimento do comércio interno britânico, no entanto, seria um tanto incorreto concluir que a circulação de metais foi diretamente aumentada pelo influxo de ouro. O contrário é demonstrado quando se comparam individualmente os anos de cada período, antes e depois da descoberta do ouro. Em 1854, por exemplo, a cunhagem de moedas cai abaixo dos patamares de 1845 e 1846, e em 1858 cai [*sinks*] muito abaixo dos de 1844. A massa de ouro entrando em circulação no formato de moedas, no entanto, não era determinada pela importação de barras de ouro [*gold bullion*], mas pela importação de ouro; uma parte maior foi, na média, absorvida pela circulação interna durante o segundo período, uma vez que os esforços comerciais e industriais no geral se expandiram: uma expansão que em grande parte pode ser traçada a partir das operações nos novos países do ouro [*new gold countries*].

*Escrito em 5 de setembro de 1859.*

*Publicado pela primeira vez no New York Daily Tribune, n. 5.747, em 23 de setembro de 1859.*

---

<sup>4</sup> Os números publicados no *New York Daily Tribune* são imprecisos. [Nota do original.]